

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C. G. T. EN LANGUE PORTUGAISE

13 Redaction et Administration : 213, rue Lafayette, Paris-10° - Avril 1965

TRÁFICO DE ESCRAVOS



Maurice CARROUE,
secretário geral da Federação C.G.T.
dos Trabalhadores da Agricultura

De há tempos a esta parte, os jornais publicam informações como esta sobre o

tráfico de mão-de-obra portuguesa :

« Os emigrantes clandestinos estão sendo transportados desde a fronteira, a 60 e mais entalados dentro de camions e albergados a seguir em Seine-e-Marne, e conduzidos, por fim, em taxis até à próxima banlieu de Paris, onde os esperam os que vão ser seus patrões.

O tráfico de mão-de-obras portuguesa dá entre 150.000 e 200.000 AF por clandestino, aos interessados no contrabando de escravos. »

Além destes, há os não clandestinos,

José Rodrigues Vitoriano deve ser libertado !

O dirigente sindicalista José Rodrigues Vitoriano, que foi Presidente da Direcção do Sindicato dos Operários Corticeiros do Distrito de Faro (Algarve) cumpriu já mais de 14 anos de prisão! A sua pena expirou de há muito. E' um crime, alargando o outro crime, que o fascismo português está praticando, na pessoa de José Rodrigues Vitoriano.

Exijamos a libertação imediata deste denodado democrata e sindicalista algarvio! ENVIAR, desde já cartas, telegramas, postais, moções de protesto contra a manutenção na cadeia de José Rodrigues Vitoriano, e EXIGINDO a sua imediata libertação, a :
Presidente Américo Thomaz, Lisboa (Portugal).

Dr Oliveira Salazar, Lisboa (Portugal).
Cardeal Cerejeira, Lisboa (Portugal).
Ministro da Justiça, Lisboa (Portugal).

esses que vêm com um contrato de trabalho regular, passado pelo Ministério do Trabalho. Destes, entraram 50.000 em França, só em 1964.

Porquê um tamanho tráfico — que se assemelha a uma onda enorme de escravatura — é assim possível? Como podem assim esses trabalhadores ser forçados a fugir do seu país, clandestinamente, para procurar trabalho, pagando somas enormes aos passadores, e sujeitando-se a viajarem como bestas, sempre com o risco de serem reconduzidos à fronteira de onde partiram?

Isto tudo é só possível pelo facto de em Portugal, onde Salazar faz reinar o fascismo depois de 1926, não haver nem trabalho, nem liberdade sindical ou política.

Quem quer que seja que reclame isto, é metido na prisão.

Mas, uma outra questão se põe : — Porque não prendem os passadores, os transportadores, numa palavra, todos os comparsas deste imenso e desgraçado tráfico? Porque não prendem os patrões que « compram » os clandestinos portugueses?

Na realidade, um tal tráfico só é possível porque os patrões que os tomam à sua conta os exploram muitíssimo mais que aos outros trabalhadores, roubando-os escandalosamente. E, também, porque os poderes públicos toleram, se é que não encorajam, estas traficâncias.

Como? Sem dúvida não oficialmente, mas sim na prática. Eis aqui um dos inúmeros exemplos que se poderiam apontar :

— Em 12 de Março passado, em Sceaux (Seine--Oise), os trabalhadores dum « chantier » da « SOCIETE AUXILIAIRE DES GRANDS TRAVAUX », na sua grande maioria portugueses, puseram as suas reivindicações. Perante a recusa do patrão em discuti-las, cinco dias depois, eles vão para a greve.

Na manhã seguinte, o « chantier » é ocupado pela polícia, que prende um operário. O secretário da União Local CGT, chamado pelos operários, foi conduzido ao posto da polícia.

Assim, o governo gaulista, em vez de regularizar um conflito social com os seus inspectores de trabalho, envia a sua polícia ao serviço do patronato, procurando, desta forma amedrontar os trabalhadores emigrados.

E' com este mesmo fim que o governo gaulista impôs a diversos militantes sindicais espanhóis, recentemente, a residência forçada.

Assim, aparece nitidamente a cumplicidade de facto do governo e do patronato franceses na tentativa de criação duma

(Conclui na pag. 2).

UMA CARTA da Frente Patriótica de Libertação Nacional

(JUNTA REVOLUCIONARIA
PORTUGUESA)
DE ALGER (ALGERIA)

Da Junta Revolucionária Portuguesa (Frente Patriótica de Libertação Nacional) de Alger, foi-nos enviada a seguinte carta, que a seguir gostosamente publicamos :

Senhor Benoît Frachon, Secretário Geral da C.G.T., 213, rue Lafayette, Paris, 10°.

Caro Senhor e Amigo :

Desejamos agradecer-lhe vivamente, em nome da Frente Patriótica de Libertação Nacional, pela óptimo artigo publicado n' « O Trabalhador » n° 6. Nele se expressa uma visão perfeitamente justa do problema da emigração portuguesa.

A resposta do operário português : — « Se eu encontrasse trabalho no meu país não teria vindo procura-lo em França » — traduz seguramente o sentimento íntimo de muitos milhares de operários portugueses.

Por outro lado, as afirmações do Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo fascista de Salazar mostram que a acção da vossa Confederação sindicalista no seio dos trabalhadores portugueses não é sómente uma atitude consciente de solidariedade; no domínio político e social ela tem também consequências educativas, a ponto dos fascistas portugueses recearem perder o controle sobre os trabalhadores portugueses que exportam.

As Permanências abertas pela C.G.T. com a intenção de acolher os trabalhadores portugueses e a publicação de « O Trabalhador » são as manifestações de ajuda ao nosso Povo pelas quais, em nome das forças da oposição democrática, a Frente Patriótica de Libertação Nacional quer agradecer à vossa Confederação.

Com os nossos agradecimentos, queira aceitar, senhor Secretário Geral e Caro Amigo, as nossas melhores saudações.

JUNTA REVOLUCIONARIA
PORTUGUESA.

UNIOES DEPARTAMENTAIS da CGT

Por lapso, não foi indicada, nas listas das U.D. dos Sindicatos C.G.T., aparecidas nos últimos números do nosso jornal, o endereço de uma importante U.D. C.G.T., que é a U.D. C.G.T. de Loiret, Bolsa do Trabalho, Orléans, o que fazemos hoje, com o nosso pedido de desculpas.

CONSULTÓRIO JURÍDICO-SOCIAL

DIREITOS SINDICAIS E LIBERDADE DE OPINIÃO

Os direitos sindicais, a liberdade de opinião, reconhecidos aos trabalhadores, são os mesmos, sem distinção, quer se trate de trabalhadores franceses ou de trabalhadores emigrados.

As partes contratantes reconhecem o direito para todos de se associarem e de agirem livremente pela defesa colectiva dos seus interesses profissionais.

A Empresa, sendo um lugar de trabalho, os patrões se comprometem :

Tráfico de escravos

(Conclusão da pág. 1)

mão-de-obra superabundante e de concorrência, para fazer baixar os salários e pesar na acção da classe operária.

Mas há ainda, igualmente, a cumplicidade do governo gaulista com as ditaduras fascistas de Franco e de Salazar para maior exploração da mão-de-obra espanhola e portuguesa e para tentar impedir a organização e a defesa destes operários pelos nossos sindicatos CGT.

Criar o desemprego, lançar os trabalhadores uns contra os outros, dividir para reinar, tal é a prática do capital, tal é a cinica e perigosa tentativa do patronato.

Mas para os trabalhadores franceses há uma só resposta eficaz e justa : — Tomar a sério a defesa dos trabalhadores emigrados ! Exigir para eles os mesmos salários, os mesmos direitos e condições de trabalho, levá-los a organizarem-se, lado a lado com os operários franceses, nos mesmos sindicatos, fraternalmente.

— Proletários de todos os países, unimo-nos para pôr fim à escravatura moderna !

Maurice CARROUE.

OUVE
E REUNE UM GRUPO DE TEUS
AMIGOS PARA OUVIREM EM CO-
MUM

Rádio Portugal Livre

Transmite nos seguintes comprimentos de onda e com os horários de : 8, às 8,30 h. da manhã, em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45, em 32 metros; e das 0,30 às 0,50, em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos há uma edição especial dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,30 h., em 19,20, 25 e 26 metros.

— a não levarem em consideração o facto de pertencerem, ou não, a um sindicato, de exercerem ou não funções sindicais,

— a não levarem em conta as opiniões políticas ou filosóficas, crenças religiosas ou de origem social ou racial, para suspender a sua decisão no que respeita à admissão de pessoal, à condução ou à repartição do trabalho, e medidas de disciplina, de despedimento ou de abonamento.

Eles se comprometem, igualmente, a não fazer nenhuma pressão sobre o pessoal a favor deste ou daquele sindicato.

O pessoal se compromete, da sua parte, não levar em consideração, no seu trabalho :

— as opiniões dos trabalhadores,

— a sua adesão a este ou àquele sindicato,

— o facto de não pertencer a qualquer sindicato.

As partes contratantes se comprometem a velar a estrita observação dos compromissos definidos acima e a interessar-se junto dos seus elementos jurídicos respectivos para que seja assegurado o seu cumprimento integral.

Se uma das partes contratantes contesta o motivo de ausência ao trabalho de um assalariado como o tendo feito em violação do direito sindical, tal como ele vem acima definido, as duas partes se esforçarão por analisar bem os factos e a dar ao caso litigioso uma solução equitativa. Esta intervenção não pode impedir o direito para ambas as partes de obter judiciosamente a reparação do prejuízo causado.

Para facilitar a presença dos assalariados aos Congressos Estatutários da sua organização sindical, autorizações de ausência serão dadas sobre a apresentação duma convocação escrita, em nome pessoal do interessado, pela respectiva organização sindical. Estas autorizações de ausência, não remuneradas mas também não prejudiciais às férias pagas, serão passadas de maneira que nunca ultrapassarão o total de seis dias por ano e de forma que elas não possam dar um sensível prejuízo à marcha dos trabalhos da empresa.

De cada vez que os assalariados sejam chamados a participar a uma Comissão Paritária decidida entre as organizações signatárias ou aquelas que lhes sejam filiadas, pertencerá aos sindicatos patronais e operários a organização da reunião e determinar de que maneira e em que limite (número de participantes, duração, etc.), convirá facilitar esta participação.

SOLIDARIEDADE

Recebeu-se de Um trabalhador português em França : 100,00 F.

Permanências da C.G.T. para portugueses

NO SENA :

CHAMPIGNY. — Na União Local da C.G.T., 197 bis, rue de Verdun, todos os domingos, das 10 às 12 horas.

LEVALLOIS. — Na União Local da C.G.T., todas as Quintas-feiras, das 17,30 às 19,30 horas.

NANTERRE. — Na União Local da C.G.T., 7, rue de la Mairie, todos os sábados das 17 às 19 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todas as Quintas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês, das 20 às 22 horas.

CHOISY-LE-ROI. — Na União local C.G.T., av. des Alliés, todos os sábados, das 17,50 às 20 horas.

CLICHY. — Na União Local da C.G.T. todos os domingos das 10 às 12 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G.T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças-feiras, das 18 às 19 horas.

NO SENA E MARNE :

MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Roussignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :

JUVISY-SUR-ORGE. — Na U.L. C.G.T., 10, rue Châtillon, 1ª e 3ª Quintas-Feiras de cada mês, das 18,30 às 20 horas.

NO ISERE :

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

Greve de solidariedade

No « chantier » d' « Etoile », onde se estão a efectuar trabalhos referentes ao metro-expresso, os trabalhadores da Empresa Billard fizeram greve durante uma hora por cada posto, para protestar contra o despedimento de um operário algeriano. Este tinha recusado a obedecer às ordens dum capataz que pretendia que dois operários conduzissem pilares de 100 quilos, não observando a mais elementar regra de segurança no trabalho.

A Inspeção do Trabalho até há pouco não se tinha incomodado ainda a fazer o inquérito que se impunha sobre esse assunto, no « chantier ». Mas a unidade dos trabalhadores forçou o cumprimento das regras na segurança no trabalho.

A redução do tempo de trabalho

UMA REIVINDICAÇÃO NASCIDA COM A CLASSE OPERÁRIA

Nota : A primeira parte deste artigo foi publicada no passado número de « O Trabalhador ».

Em 1891, a classe operária celebra o 1º de Maio, pela segunda vez em França. Todos os centros industriais são cercados pelo exército e pela polícia.

Em Fourmies, cidade mineira do norte, a tropa dispara sobre o cortejo pacífico dos manifestantes que cantavam « **Queremos as oito horas !** »

O movimento devia terminar em 1892, com uma lei restabelecendo a idade de admissão nas fábricas aos 13 anos e fixando em 10 horas o trabalho para os jovens de 13 a 16 anos, 11 horas para as raparigas de mais de 18 anos e mulheres. Esta lei proibiu, pela primeira vez, que elas trabalhassem mais de seis dias por semana.

Desde a sua fundação, em 1895, a C.G.T. coloca a jornada de 8 horas e o repouso semanal à cabeça das suas reivindicações. Numerosas greves são feitas devido à sua iniciativa : 902, só em 1900. A 30 de Maio deste ano, devido a estas pressões, uma lei fixa a jornada de trabalho em 10 horas.

A C.G.T. amplifica ainda a sua potência e a sua acção. Decide, tal como os operários americanos, « **que no 1º de Maio de 1906 os trabalhadores cessarão por eles próprios de trabalhar mais de oito horas por dia** ».

Numerosas greves se produzem, então. 200.000 trabalhadores estão em movimento. Isso contribui para fazer votar a lei do 1º de Julho de 1906 que estabelece o repouso ao domingo.

A classe operária estava ainda longe das 40 horas de trabalho por semana, e ia lutar ainda durante 30 anos para as obter.

Em 1917, as numerosas greves nas fábricas, em que as mulheres tinham ocupado o lugar dos homens partidos para a guerra, permitem obter a « semana inglesa », ou seja o repouso no sábado à tarde. Ao regressor das trincheiras, a classe operária exige reformas sociais, e, em primeiro lugar, a jornada de oito horas.

Em 1919, a C.G.T. vê os seus efectivos aumentarem rapidamente. O 1º de Maio anuncia-se como uma potente jornada de luta. A 23 de Abril é votada a lei que fixa em 8 horas a duração do trabalho diário. Em 1936, a reconstituição da unidade sindical dá à classe operária consciência da sua força.

Um potente movimento unitário, com a ocupação das fábricas, obtêm da Frente Popular a votação das leis de Junho, colocando a França à cabeça do progresso social com a semana de 40 horas e as férias pagas. Mas, desde 1938, os patrões conseguem recuperar as vantagens adquiridas pela classe trabalhadora.

O período de ocupação nazi satisfaz os votos da burguesia. Será preciso esperar

pela libertação para que seja restabelecida a legislação de 1936.

Os trabalhadores conseguiram conquistar as três semanas de férias pagas e mais tarde a quarta semana, mas o governo, ao serviço dos monopólios capitalistas, recusou concretizar por uma lei esta nova vitória da classe operária.

A redução do tempo de trabalho sem diminuição de salários é uma questão vital para todos os trabalhadores.

Em 1890, os nossos antepassados proclamavam : — « **Queremos as oito horas** ». Durante anos e anos, em todos os 1º s. de Maio, os seus cartazes exigiam : — « **Oito horas de trabalho, oito horas de repouso, oito horas de distração** ». »

No espírito destas grandes jornadas de outrora, com a mesma resolução dos nossos antepassados, façamos ecoar bem fundo, neste 1º de Maio de 1965, a reivindicação da nossa época : — « **Quarenta semanas, sem diminuição de salário** ». »

Que este dia seja o prelúdio de grandes lutas em que se afirme a nossa vontade de obter o tempo e os meios de viver a Vida, como ela deve ser vivida, em alegria e desafogo económico.

(Este artigo é tirado dum inquérito que « **Vie Ouvrière** » levou a efeito).

COMUNICADO DA C.G.T.

A despeito dos enérgicos protestos desenvolvidos na opinião pública mundial, a aviação americana multiplica os seus raids agressivos no Viet-Nam.

Violando os acordos internacionais, os agressores americanos franquearam um novo passo na « escalada » e no horror, empregando, a seguir às bombas e ao « napalm », gases tóxicos, isto é, uma arma que só Mussolini, na Etiópia, e os fascistas japoneses, na China, tinham ousado utilizar depois da primeira guerra mundial.

O « **Bureau Confédéral** », exprimindo a indignação geral dos trabalhadores, eleva um veemente protesto contra mais este acto inqualificável. Pede ao governo francês para que proteste contra o emprego de gaz de combate pelos criminosos americanos e para que desenvolva as necessárias iniciativas em vista de se pôr fim à intervenção armada dos Estados Unidos e às ameaças que essa intervenção comporta para a paz mundial.

O « **Bureau Confédéral** » chama as organizações confederadas, os militantes, a classe operária, todas as pessoas de coração, para que exprimam rapidamente e dentro da unidade, especialmente por manifestações, assim como por delegações, mensagens e telegramas à Embaixada e aos Consulados americanos de toda a parte, a sua reprovação indignada por essa agressão e a vontade que ela acabe, pela negociação e com o restabelecimento da Paz.

Paris, 24 de Março de 1965.

Onde quer que se conheçam DENUNCIEMOS OS NEGREIROS MODERNOS

Vários golpes acabam de ser dados na organização dos negreiros modernos que se dedicam ao tráfico da mais valiosa mercadoria que agora se conhece (com excepção da heroína, bem-entendido...) que são os emigrantes clandestinos portugueses.

Achamos que se deve prestar a este assunto uma grande atenção, dado que é crescente a rede de emigrantes que arribam a terras francesas. E é também de esperar que não sejam dadas facilidades a todos aqueles que se dedicam a este muito rendoso « negócio ». Que cada um que conhecer onde existe e actua uma organização desta natureza avise as autoridades para que aplique aos criminosos negreiros a justa pena a que a sua revoltante actividade merece. Nada de pactuar com o crime dos passadores, que chupam o sangue dos pobres e ignorantes clandestinos portugueses, que representam uma massa passiva fácil de lograr e de roubar. Onde quer que se saiba que eles estão, é dever de toda a gente avisar os que podem castigá-los e destroçar essa rede de malfeteiros, que negociam tão criminosamente com essa « mercadoria humana » dos que são obrigados a fugir de Portugal, onde tão miseravelmente vivem, para procurarem um trabalho mais rendoso de forma a que possam viver um pouco melhor.

Os jornais de 16 de Março informaram

que foram feitas várias prisões de franceses e portugueses ligados a redes de passadores clandestinos de portugueses.

Em Melun foram apreendidos uns dias antes vários motoristas de taxi : René Lesneud (de Bois-Colombes), Pierre Barre (de Plessis-Robinson) e Mekbar Hassaïm (de Saint-Denis). Os seus carros estavam cheios de emigrantes clandestinos que tinham atravessado a Espanha e a França em camiões de carga. Algumas horas depois eram detidos o chefe do grupo naquela região, Antoine Poli, antigo motorista de taxi (e agora, naturalmente, grande proprietário graças à negra exploração de trabalhadores emigrantes portugueses) e Daniel Bisson, guarda dum domínio administrativo em Sainte-Assise, onde eram metidos à chegada, provisoriamente, os portugueses clandestinos.

No domingo seguinte foi apreendido, por sua vez, Firmino da Costa Teixeira, de 35 anos, originário de Quinhães (Portugal), chefe de obras habitando em Nanterre, que tinha extorquido 1.450 francos (novos) a compatriotas seus sob o pretexto de fornecer contratos de trabalho.

Não se sabe ainda se estes dois casos se relacionam entre si. Mas pode observar-se que cada vez são mais os comparas destes crimes-roubos que cobram no imediato, enquanto o tráfico continua para maior e mais largo lucro dos patrões franceses...

O SINDICATO É UMA ESCOLA
DE COMPANHEIRISMO
E DE SOLIDARIEDADE

PROBLEMAS DE PORTUGAL

SER MEMBRO
DA FAMÍLIA SINDICALISTA É O DEVER
DE TODOS OS TRABALHADORES

APELO PRO-AMNISTIA AOS PRESOS POLITICOS

Em Portugal está-se verificando presentemente um largo movimento pró-amnistia em favor dos presos políticos desse país aterrorizado depois de quase 40 anos por um regime déspota e cruel, dominado por uma força policial que não hesita em ferir, matar, emprisãoar. Aos que caem nas suas garras prisionais, e que sejam taxados de « perigosos », as famigeradas « medidas de segurança » são-lhes aplicadas. Isso equivale a prisão perpétua.

Face a essa desgraçada situação, que tem lançado o país na miséria e no luto, têm surgido protestos de várias camadas da população portuguesa e internacional, que manifestam, assim, a sua repulsa por um regime que escraviza tão brutal e selvaticamente os democratas do seu país que corajosamente lutam pela destruição do fascismo em Portugal.

Entre os últimos protestos colectivos enviados à autoridade considerada número um desse país, e de que acabamos de ter conhecimento, segundo cópia que nos foi enviada com o pedido de publicação, figura o seguinte :

Senhor Presidente da República
Excelência

As prisões políticas são no nosso país um gravíssimo problema. Em face da sua moral e da sua cultura a maioria dos Portugueses não pode aceitar que as diferenças de opção política sejam transformadas em crime. Sabemos que toda a moral parte do livre arbítrio. Pelo menos assim é na civilização a que pertencemos. As prisões políticas roem e abalam a nossa cultura nos seus fundamentos éticos e intelectuais. E roem e abalam também a unidade da nação Portuguesa. Criam um clima de intransigência, fanatismo e perseguição que impossibilita todo o diálogo. São um acto actual de violência e uma semente de futuras violências. Uma pátria é o lugar onde somos livres. Infelizmente vemos que, no momento presente, muitos são os portugueses que escolhem o exílio como quem escolhe a liberdade.

Os presos políticos são homens que, de acordo com a sua consciência, lutaram por um ideal. Um ideal não é um delito. A consciência e o pensamento não são crimes. Aqueles que são capazes de lutar por um ideal são sempre a elite de um país. E, de facto, pelas prisões do actual regime têm passado todos os sectores do pensamento : católicos, ateus, monárquicos, republicanos, democratas, socialistas e comunistas. E pelas prisões do actual regime têm passado sacerdotes, escritores, poetas, artistas, historiadores, sociólogos, economistas, médicos, militares,

advogados, engenheiros. E pelas mesmas prisões têm passado centenas de operários, de trabalhadores rurais e de pescadores. Será difícil medir todo o prejuízo que as prisões políticas causaram à actividade criadora e ao crescimento do país, de toda a desgraça e desordem que lançaram no meio de inúmeras famílias onde as crianças foram educadas sem paz, sem pai e sem pão.

Nesta triste situação, que pesa no espírito de todos os Portugueses informados e lúcidos, impõe-se que V. Exa., usando dos poderes que a Constituição lhe confere, promova uma amnistia geral a todos os presos políticos.

Seguem-se as 129 assinaturas já decididas nas primeiras listas, das quais fazem parte, entre outras :

Engenheiros : Mário de Azevedo Gomes, Francisco Pinto da Cunha Leal, Francisco Lino Neto, Gonçalo Ribeiro Telles, José Hermegenes do Rosário e Carlos Sá Cardoso.

Advogados : Francisco de Sousa Tavares, Artur Cunha Leal, Jacinto Castanho de Menezes, Luis Stau Monteiro, Pedro Cesar Vieira de Almeida, Joaquim Antonio Paes Pires de Lima, Victor Wengereviciun, Francisco de Albuquerque Veloso, Fernando Abranches Ferrão, Luis Saias, Duarte Vidal, Mário Soares, Duarte Turras, José Paradelo de Oliveira, Nuno Rodrigues dos Santos, Francisco Salgado Zenha, Fernando Mayer Garção, Arnaldo Adão e Silva, Arlindo Vicente, Eduardo Fernandes, Xancora Camotin, Eurico Ferreira, Santos Ferro, Heliodoro Caldeira, Pestana Junior, antigo ministro, Teófilo Carvalho dos Santos, Francisco X. da Motta Viveiros Pinto, Alvaro dos Santos Marcelo e José Manuel Rodrigues.

Libertemos Manuel Guedes

Informam-nos que de numerosos pontos do globo têm sido enviadas mensagens de protesto às autoridades salazaristas contra a manutenção nas gaiolas fascistas de Manuel Guedes, o lutador democrata português encarcerado há cerca de 20 anos !

Para que esta Campanha Internacional possa atingir os seus humanos fins, é preciso que todos os Homens e Mulheres ajudem, enviando cartas, moções, telegramas exigindo a LIBERTAÇÃO IMEDIATA DE MANUEL GUEDES, a :

Presidente Américo Thomaz, Lisboa (Portugal).

Presidente Salazar, Lisboa (Portugal).
Ministro da Justiça, Lisboa (Portugal).

Escritores : Ferreira de Castro, Rui de Moura Ribeiro Belo, Sophia de Mello Breyner Andresen, João José Cachofel, Ribeiro dos Santos, Carlos de Oliveira, José Tengarrinha, Artur Ramos, António Alçada Baptista, Manuel Lourenço, Alberto Ferreira, Maria José Vieira Marinho, Alexandre Cabral, Augusto da Costa Dias, Augusto Abelaira, Maria Helena Costa Dias, Jacinto Baptista, Alexandre Pinheiro Torres, Urbano Tavares Rodrigues, Alves Redol, Bernardo Santareno, dramaturgo, Luís Francisco Rebelo, dramaturgo, Manuel da Costa, Rogério de Freitas, Antunes da Silva, Manuel da Fonseca, Alvaro Salema, Baptista Bastos, Santos Fernando, Fernando Namora, Fiama Basse Pais Brandão, Maria da Graça Varela Cid, Nuno Tetónio Pereira, Pedro Tâmen, José Augusto França, crítico, Manuel Mendes, etc.

Jornalistas : Mário Ventura, Manuel de Azevedo, Raul Rêgo, Carlos Ferrão.

Cientistas : José Gaspar Teixeira, Egídio Namorado.

Médicos : Armindo Rodrigues, Maria Lígia Alves Monteiro, Mario Monteiro Pereira, Carlos Pereira, Abel Augusto Dias das Neves, Bandeira de Lima, Hermínio Paciência, Luis Branco, Raul Madeira e Abílio Mendes.

E diversos : Fernando Pernes e Alice Jorge, artistas; José Fenandes Neves Belo, José Palla e Carmo, José Manuel Galvão Teles, José Manuel Ramos Lopes, Manuel José Bidarra de Almeida, João Maria da Paula Reis, Maria Natália Duarte Silva, Maria de la Salette Tavares, Alberto Moutinho Abranches, Rui José Carlos, Alexandre Moniz Bettencourt, José Magalhães Godinho, professor, Carlos Vilhena, cap. reformado, Jorge Henrique Costa Pereira, cap. reformado, Rodrigo de Figueiredo Pereira Botelho, cap. na reserva, José Barracoso, proprietário, Américo Cruz, antigo aluno do Colégio Militar, Manuel Pestana, cap. reformado, Carlos Pina, publicista e proprietário, Francisco da Cunha Aragão, oficial da Marinha, reformado, Mimoso Serra, cap. de engenharia, Lúcio Campos Martins, major reformado, Joaquim da Fonseca, proprietário, Jorge de Oliveira Braga, guarda-livros, Eduardo Rodrigues, proprietário, Hermetério Duarte, contabilista, João do Carmo Medeiros de Almeida, cap. da Marinha Mercante, José Moreira de Campos, oficial da Marinha, reformado, Alvaro da Silva, José Reis, Guilherme Vassalo Correia da Mota, Júlio F. Oliveira, almirante reformado, José Mendes Cabeçadas, vice-almirante reformado e antigo Ministro, Helder Ribeiro, coronel reformado, António Candeias Duarte, etc.

UM TELEGRAMA DA CGT POR OCASIAO DE NATAL

No periodo festivo de Natal, o « Bureau Confederal » da C.G.T enviou o seguinte telegrama :

Ministro da Justiça
Lisboa (Portugal)

Confederação Geral do Trabalho pede, em nome da classe operaria francesa, libertação imediata prisioneiros políticos com penas cumpridas, direito das famílias passar festas natal e ano novo com os presos, cessação presos segredo, medidas de segurança, torturas, deportações; amnistia geral e satisfação reivindicações classe operária portuguesa.

PARECE MENTIRA...

Aparecem, há pouco mais dum mês, num jornal de grande circulação da França, um anúncio estranho e insultuoso. Nada mais, nada menos, que o da venda dum operário português! A que se tem chegado, nestes tempos de gananciosa loucura, dum parte, e de criminosa política fascista da parte do governo que tanta mão de obra tem à venda no seu país, por tão baixo preço!

Pois um patrão francês fez publicar esse anúncio, em que vendia um operário português. Este chama-se João Pinto (nome bem português, sem dúvida...) Como se verifica, o patrão, como todos os bons patrões de toda a parte, « ama » e explora bem a sua mercadoria... Que mais estará reservado aos operários que não se souberem defender, numa unidade sindical que os proteja contra a exploração e a injustiça patronais?

AULA DE CHOISY-LE-ROI

Depois de removidas certas dificuldades, recomencam as aulas de Francês e de Português de Choisy-le-Roi (Seine), em 13 de Abril, numa das Salas da Bolsa do Trabalho, avenue des Alliés.

Há todo o interesse da parte dos trabalhadores portugueses dessa localidade, como de Ivry, Vitry, Thiais e Orly, a frequentarem essa escola, que é a sua escola, a qual, como todas as organizadas pela CGT, é absolutamente gratuita. O horário é idêntico, ou seja das 20 às 22 horas.

CONFISSÃO OFICIAL

PERSPECTIVA DA VIDA PORTUGUESA NO PARECER DAS CONTAS PUBLICAS (1963)

Entre os vários títulos e sub-títulos enxergados no Relatório do Parecer das Contas Públicas (1963), podem ler-se os seguintes, só por si significativos do « progresso » da vida portuguesa sob a ditadura policial-fascista de Salazar :

— « **Desculpa para a baixa despesa com o ensino primário** ». « **Deficiências no ensino superior** ». « **Problema agudo : A escassez de diplomados nos cursos médicos** ». « **Manifestamente poucos cientistas e técnicos** », etc.

Aparecem as desculpas, as tentativas de justificação da larga miséria no aspecto da instrução e da formação de quadros técnicos a que todo o povo de qualquer país que se diz civilizado tem direito. E entre essas tentativas de justificação, pode ler-se :

— « Os problemas da educação nacional estão ainda longe de serem resolvidos satisfatoriamente, se é que alguma vez o possam ser (...) — E' caso para sorrir amarelo e perguntar ingenuamente :

Se em 40 anos de salazarismo, que o mesmo é dizer, de total dominio sem prestação de contas ao Povo, os problemas de educação estão ainda longe de serem resolvidos satisfatoriamente, se é que alguma vez o possam ser, quantos anos mais julgam os policiais-salazaristas necessários de ditadura fascista para levarem a cabo uma tarefa a todos os títulos considerada primordial nos países civilizados ?

Solidariedade estudantil

Em numerosas capitais da Europa, Asia e América do Sul foi comemorado o 24 de Março, como *dia Internacional de solidariedade aos estudantes portugueses*.

Em Paris, numa das salas da Liga Francesa do Ensino Laico, 3, rue Récamier (7^o), efectuou-se uma sessão de solidariedade, levada a efeito pela União dos Estudantes Portugueses em França (U.E.P.F.), na qual falaram, entre outros oradores, Me. Solange Bouvier-Ajam, que descreveu como se tinha passado a sua estadia em Portugal, onde foi em missão dos Juristas Democratas Internacionais, averiguar quanto se passava com os estudantes portugueses, na repressão feroz levada a cabo pela Pide, contra as reivindicações estudantis.

Nesta sessão foram aprovadas moções de protesto, por aclamação, a enviar às autoridades fascistas de Portugal, nas quais se exigia a cessação das torturas e das perseguições aos estudantes e a libertação imediata dos detidos.

E é o próprio relatório que confessa :
« Nenhuma das universidades portuguesas tem dotações que permitam ensino compatível com os progressos, modernos nas ciências e outros ramos do pensamento moderno. Por outro lado, a frequência do ensino superior não corresponde ao desenvolvimento demográfico nem às necessidades da vida nacional. A frequência deveria ser muito maior do que é. Para população da ordem dos 9.042.500, há 22.007 alunos matriculados nas Universidades, ou seja de 1 aluno por cerca de 410 habitantes. E' muito pouco. »

« ... O problema reveste aspectos ainda mais agudos, para não dizer graves, quando se considera que nos cursos médios industriais (3) de Lisboa e Porto a frequência naquele ano lectivo foi de 1954 alunos e que apenas se diplomaram 71 alunos.

No caso do ensino agrícola, nos cursos considerados médios dos de regentes agrícolas (3), o número de alunos matriculados elevou-se a 773 e somente concluíram o curso 65. Quem conhece as necessidades da indústria e da agricultura e a situação em que vive a maior parte das explorações agrícolas e industriais não pode deixar de lamentar esta situação. »

« ... O exame das cifras mostra a fraca percentagem dos alunos que concluíram o curso (nas Universidades) em relação aos matriculados — com um máximo de 6,9 % em Coimbra e um mínimo de 5,6 % em Lisboa (6,5 % no Porto e 5,7 % na Universidade Técnica de Lisboa).

As conclusões ainda seriam mais pessimistas se fosse possível analisar, por percentagem, os totais dos alunos que iniciam a sua vida universitária num determinado curso e os que chegam ao fim... »

« ... O País necessita de cientistas e técnicos, sob pena de se atrasar cada vez mais e mais do nível económico europeu (...) Ora, em 1962-1963 formaram-se apenas 163 engenheiros, 47 agrónomos e veterinários e 263 cientistas de várias especialidades. E' manifestamente muito pouco para as necessidades. »

Depois de todas estas confissões, que os números forçaram os muros oficiais a deixar passar, através daquele mínimo que o pudor de qualquer governo, mesmo como o salazarista, obriga em relação à opinião pública de qualquer país, cabe-nos perguntar, como simples cidadãos dum mundo civilizado, atentos ao que vai por esse mesmo mundo :

— Será com a feroz repressão policial de Salazar sobre os estudantes, que o problema da educação e da formação de quadros técnicos e científicos de Portugal poderá ser resolvido? Onde levará essa cega política fascista a Nação portuguesa no todo que mais e melhor representa a vitalidade dum povo, que é o progresso, através do ensino?

ANTE-PROJECTO DE RESOLUÇÃO PARA O 35º CONGRESSO DA C.G.T.

A MÃO DE OBRA EMIGRADA

Ao apresentarmos este Ante-Projecto de resolução para o 35º Congresso tivemos em vista, principalmente, que todos conheçam e possam participar na sua discussão. Todas as sugestões, possíveis acrescentos e pontos de vista são de enorme utilidade para aumentar o valor deste documento. Que os trabalhadores portugueses em condições de ajudar no melhoramento do mesmo se pronunciem. Isso será uma óptima contribuição para o estudo do problema da mão de obra emigrada em França.

O 35º Congresso dirige aos trabalhadores emigrados, empregados nas empresas francesas, a sua saudação calorosa e a certeza da sua inteira solidariedade. O patronato e o poder gaulista recrutaram depois do 34º Congresso mais de meio milhão de trabalhadores estrangeiros, permanentes e temporários.

O objectivo confessado pelo primeiro ministro ao lançar, em 1963, o « plano de estabilização », confirma o que a C.G.T. não cessou ainda de denunciar : — Que esta entrada em massa da mão de obra, sobre a qual pesam discriminações de toda a espécie, tanto em matéria de salários como de prestações sociais, tanto de condições de habitação como de liberdades sindicais, visa « aliviar o mercado do emprego », ou seja, organizar um exército de desempregados e permitir aos patrões resistir melhor às reivindicações da classe operária. O 5º Plano gaulista que prevê, com o mesmo fim, introduzir 500.000 trabalhadores emigrados, constitui uma máquina de guerra contra a classe operária.

O ataque do patronato e do governo abrange todos os trabalhadores, franceses e emigrados. E' o conjunto de toda a classe operária, quasquer que seja a sua nacionalidade, que é visado nesse ataque.

Não é o metalurgista espanhol, nem o pedreiro português, nem o mineiro algeriano que são os responsáveis das dificuldades económicas, do aumento do custo de vida e dos impostos, etc. E' a política do poder gaulista, inspirada pelos monopólios capitalistas, para seu único proveito.

Só a solidariedade de classe, a unidade e a acção de todos os trabalhadores podem permitir a defesa eficaz dos interesses de todos e de cada um.

São os mesmos que vão buscar aos países de Franco e de Salazar os seus « escravos modernos » que alimentam paralelamente as campanhas racistas duma certa imprensa, e o governo expulsa honestos trabalhadores emigrados, nomeadamente espanhóis, dos quais alguns lutaram pela própria libertação da França!

Os trabalhadores franceses combatem e combaterão cada vez com mais energia esses apelos ao racismo, apelos degradantes e dos mais baixos sentimentos.

O movimento operário francês honra-se da sua tradição de internacionalismo proletário, e o 35º Congresso da C.G.T. renova a sua adesão inquebrantável aos princípios da solidariedade operária internacional.

Em todo o lado, os trabalhadores têm os mesmos interesses que só podem fazer triunfar, frente à gula patronal, pela sua unidade e pela sua acção. A divisão é a arma favorita da burguesia : — Contra os próprios trabalhadores franceses, para voltar os trabalhadores franceses contra os seus irmãos emigrados e também para opôr entre si os emigrados das diferentes nacionalidades.

Constituir a frente unida da classe operária, ligar umas às outras as várias categorias de trabalhadores, integrar sólidamente os emigrados (visto que um operário em cada quatro é emigrante) no meio operário da França, constituem as garantias mais eficazes contra as manobras do inimigo comum : o capitalismo.

E' partindo da reivindicação de carácter fundamental e do princípio da **igualdade de direitos em todos os domínios para os trabalhadores emigrados** que se realizará a unidade da classe operária e que serão repelidos todos os ataques do patronato e do governo contra as condições de vida e de trabalho de todos.

Os trabalhadores emigrados devem interessar-se pelas reivindicações gerais que dizem respeito ao aumento de salários, à redução da duração do trabalho — como, aliás, o atesta a sua participação activa nas lutas operárias. Mas, pelo próprio facto das discriminações de que são vítimas, todos os trabalhadores emigrados têm reivindicações particulares a fazer.

O 35º Congresso apela para as organizações sindicais para que considerem as reivindicações particulares abaixo indicadas como parte integrante do seu programa reivindicativo e para que multipliquem os meios de obter um sucesso completo :

SALARIOS :

— **Aos trabalhadores emigrados deve ser garantida a igualdade de salário real e de qualificação para um trabalho igual ao da mão de obra nacional.**

— **Nos contratos de introdução de emigrados em França, quer sejam nominais ou anónimos, fixação dos salários mínimos garantidos por categorias, constituindo o essencial da remuneração.**

— **Atribuição, aos trabalhadores emigrados cuja família ficou no país de origem, das vantagens previstas para os operários em grande deslocação.**

VANTAGENS SOCIAIS :

Igualdade de direitos para os trabalhadores emigrados, qualquer que seja a sua origem e o lugar de residência da sua família, sem nenhuma discriminação no que respeita às taxas e ao tempo, às vantagens sociais previstas pela legislação francesa e mais particularmente :

- O salário único;
- As prestações familiares legais e complementares;
- O subsídio de maternidade;
- O direito aos tratamentos, para as famílias;

- O subsídio aos velhos trabalhadores assalariados para os emigrados que voltam ao seu país de origem, e dependendo apenas da legislação francesa;
- Para as vítimas de acidentes de trabalho e de doenças profissionais, readaptação e readmissão compatível com a qualidade de emigrado;
- Liquidação e revalorização das pensões nas mesmas bases existentes para os trabalhadores franceses;
- Igualdade na atribuição de cartas de prioridade às mulheres grávidas e às mães de família numerosa, cartas de redução de transportes, bolsas de estudo para os filhos.

CONDIÇÕES DE ALOJAMENTO

O Congresso considera como tarefa urgente para os poderes públicos tomar medidas excepcionais a fim de proporcionar aos trabalhadores emigrados, assim como à sua família, um alojamento decente, através dum financiamento apropriado do Estado que introduz a mão de obra emigrada e do patronato que a utiliza.

Além disso :

- Obrigar os patrões que contratam mão de obra emigrada a proporcionar a estes trabalhadores um alojamento que respeite as normas da circular ministerial « Croizart » de 26 de Novembro de 1946.
- Na construção civil, aplicação imediata e integral do decreto de 8 de Janeiro de 1965.
- Subordinar a instalação de Lares

(Conclui na pág. 7).

TELEGRAMAS DE PROTESTO

Na festa de confraternização franco-portuguesa efectuada em Montreuil-sous-Bois (Seine), foram aprovados três telegramas a enviar a autoridades portuguesas, que seguiram na devida oportunidade, cujo texto publicamos :

*Presidente da Republica
Lisboa (Portugal)*

Trabalhadores franceses portugueses confraternizando festa Montreuil protestam unanimemente contra violências sobre estudantes maus tratos presos políticos Peniche exigindo cessem violência stop Pedem libertação estudantes e todos presos com penas cumpridas.

*Ministro Interior
Lisboa (Portugal)*

Franceses portugueses reunidos festa Montreuil Paris protestam energicamente contra violências prisões estudantes exigem libertação imediata assim com a todos os presos com penas já cumpridas.

*Ministro Justiça
Lisboa (Portugal)*

Franceses portugueses reunidos festa Montreuil Paris exigem libertação imediata Manuel Guedes e todos os presos com penas cumpridas.

ANTE-PROJECTO DE RESOLUÇÃO PARA O 35º CONGRESSO DA C.G.T.

A MÃO DE OBRA EMIGRADA

para trabalhadores ao parecer favorável das autoridades sanitárias locais. Os trabalhadores emigrados devem gozar nesses lares de completa liberdade, tal como qualquer locatário dum prédio de habitação, e o alojamento deve ser independente em relação ao contrato de trabalho.

- Cálculo do montante eventual dos alugueres segundo a legislação em vigor.
- Participação dos trabalhadores emigrados, através dos seus representantes, na gerência destes lares e direito de acesso para os delegados da organização sindical operária.
- Nenhuma expulsão dos « bidonvilles » (bairros da lata) sem que, antes disso, os seus moradores sejam realojados.

LIBERDADES SINDICAIS, DIREITOS SINDICAIS

O Congresso considera como uma das tarefas mais importantes do movimento sindical, obrigar os poderes públicos a reconhecer aos trabalhadores emigrados o pleno exercício dos direitos e liberdades conquistadas pela classe operária francesa.

O Congresso chama todos as organizações confederadas a realizar as acções necessárias para impôr ao poder e ao patronato a igualdade de direitos em matéria de voto e de elegibilidade para :

- Os delegados do pessoal, os « Comités d'Entreprise », os delegados de menores;
 - A « Sécurité Sociale », os abonos de família;
 - Os « Prud'hommes »;
- e ainda :
- O reconhecimento da elegibilidade às direcções sindicais;
 - O respeito do direito de greve;
 - O respeito das liberdades sindicais e políticas;
 - O direito para os emigrados de regressar ao seu país de origem para cumprir o seu dever de cidadãos na ocasião das eleições;
 - A liberdade de associação;
 - A liberdade de imprensa e de informação.

Ao longo dos dois últimos anos, a C.G.T. tem impulsionado a actividade das organizações confederadas com vistas a defender cada vez mais eficazmente os trabalhadores emigrados, organizando, por um lado, em Junho de 1964, a Conferência da mão de obra algeriana em França, e, por outro, a « Semana de acção » de 26 a 31 de Outubro de 1964 pela igualdade dos direitos sociais, e, ainda, publicando regularmente os jornais em língua espanhola, portuguesa e italiana.

O 35º Congresso convida com insistência as Federações, Uniões Departamentais e todas as organizações confederadas a que difundam cuidadosamente os jornais nas línguas originais que asseguram um bom élo permanente com os trabalhadores emigrados, e bem assim a editar o seu próprio material de propaganda.

Ele renova o apelo lançado pelo anterior Congresso para que se constituam nos sindicatos, nas U.D., nas U. Locais e nas Federações, Comissões de mão de obra emigrada, cujo papel consiste em ajudar as direcções sindicais no cumprimento das tarefas que exigem a defesa dos interesses dos trabalhadores emigrados e da sua organização no seio do movimento sindical.

Os dois estágios de educação reservados apenas aos emigrados que a C.G.T. realizou no início deste ano, são a prova de que estes trabalhadores estão ávidos de aprender e que podem participar activamente no desenvolvimento da organização sindical e ocupar aí, a todos os escalões, responsabilidades importantes.

O Congresso recomenda a todas as organizações sindicais que se inspirem na iniciativa confederal para dar aos trabalhadores emigrados os conhecimentos sindicais que lhes permitam ocupar devidamente, nas direcções sindicais, o lugar que lhes cabe, como trabalhadores em França.

É a unidade da classe operária e a nossa concepção do sindicalismo de massas que exige que as portas das organizações sindicais estejam largamente abertas aos trabalhadores emigrados e que se prossiga um esforço particular e sistemático de recrutamento.

O 35º Congresso salienta a pesada responsabilidade que cabe às organizações sindicais na aplicação duma política justa e coerente, cujo fim é reafirmar os laços entre os trabalhadores franceses e trabalhadores emigrados, de maneira a fazer fracassar as manobras e os objectivos do patronato e do poder dos monopólios.

Para o sucesso das reivindicações económicas de toda a classe operária, para lutar contra a política dos monopólios (que quer acabar com todas as liberdades), para defender a Paz e assegurar uma vida feliz para todos, mais do que nunca se impõe como verdadeira a palavra de ordem : **PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES : UNIVOS !**

A POLICIA NÃO RESOLVE O PROBLEMA

A polícia intervém (mais uma vez) num « chantier » da construção.

Pela segunda vez em alguns dias, as forças de repressão do governo gaulista intervieram num « chantier » da construção onde os trabalhadores exprimiam o seu descontentamento.

Os operários da Empresa SCCI (Rua Nicot, Paris-16º) tinham decidido, há dias, não começar o trabalho, afim de obterem satisfação às suas reivindicações.

Ao meio dia, as forças da polícia gaulista apresentaram-se para fazer evacuar o « chantier ». Patrões e polícias, fizeram quanto possível por intimidar os grevistas, com promessas e ameaças. Mas os trabalhadores grevistas não se deixaram intimidar e a paragem do trabalho estendeu-se até ao fim da tarde. No dia seguinte, eles examinaram a situação estudando a melhor maneira de prosseguir essa acção reivindicativa até se conseguir satisfação aos seus justos desejos.

Como em Sceaux, na outra semana, é contra os trabalhadores emigrados (portugueses, espanhóis, norte-africanos, que são, em muitos casos, os que representam a maior percentagem sobre os « chantiers » de construção) que os patrões chamaram a polícia. Precisamente contra esses operários cujas condições de vida são agravadas pelas dificuldades de se fazerem compreender, exercendo-se com eles uma discriminação brutal e inaceitável, sobretudo no que se refere às condições de alojamento, que se estão fazendo em condições inumanas.

Os patrões da construção, sentindo-se pressionados pelas múltiplas e justas reivindicações dos trabalhadores, franceses e emigrados, respondem aos pedidos de melhoramento de salários e de trabalho com a

violência e a repressão policial. Mas os trabalhadores da construção, em todos os casos, devem estar unidos e vigilantes para fazer fracassar as tentativas patronais de entravar os seus direitos à greve e a uma vida menos de sacrifício.

Quando os trabalhadores pedem melhor salário, que é como quem diz, mais pão para si e para os seus, não é com a polícia que se pose encher o estômago. A polícia não resolve o problema !

Correspondente.

PEQUENAS NOTÍCIAS

FALTA DE ESPAÇO

Em face da necessidade de publicar assuntos de largo interesse, do presente número foram retirados diversos originais, já depois de compostos, entre os quais noticiário de nossos dedicados correspondentes. Pedimos-lhe desculpa, prometendo a sua publicação no próximo número.

FESTA PORTUGUESA

Com a colaboração do Socorro Popular Francês, realiza-se em 11 de Abril, em Dammarie-les-Lys (Seine-et-Marne) uma Festa Portuguesa, a favor dos presos políticos portugueses. Será exibido o filme « A Mãe » e haverá um acto de variedades.

ACIDENTE MORTAL

Em 17 de Janeiro passado, um trabalhador português que vivia em Boulogne (Seine) de nome Joaquim Salgado, de 30 anos, caiu dum comboio em andamento, perto de Saint-Denis, e teve morte imediata.

VIETNAM : UM PASSO MAIS EM DIRECÇÃO À GUERRA

A actualidade internacional está dominada pela situação do Vietnam.

Uma « força de choque » americana desembarcou há pouco em Da-Nang : fuzileiros navais (unidades de combate) com todo um grande material apropriado.

Um novo e muito grave passo em direcção à intensificação e agravação da guerra acaba de dar-se pela parte do Pentágono; e não se trata, parece, senão dum « primeiro contingente », pois outros se seguirão.

Por tanto querer mostrar a sua força, não consegue que confessa a sua fraqueza, isto é tanto verdade quanto um povo que luta pela sua liberdade e pela sua independência é desde logo um povo vencedor. E mais, de escalada em escalada, o governo americano de Washington vai-se afundando numa via bastante perigosa.

Os riscos incorridos pelo imperialismo americano são pesados de consequências e podem ser ainda bastante mais pesados amanhã para todo à Sud-Este asiático e para a paz mundial.

No decurso das últimas semanas, a classe operária francesa, respondendo aos apelos da C.G.T., tem-se manifestado poderosamente, na sua vontade de que se ponha fim a esta guerra que não ousa classificar, de acabar com as violações sistemáticas e repetidas do território da República Democrática do Vietnam, não somente pelos exércitos fantoches do Sud-Vietnam, mas pelos americanos mesmo. A C.G.T. tem exigido, e exige, a retirada das tropas U.S.A. desses territórios e a abertura das negociações de paz.

Paralelamente, a necessária solidariedade dos trabalhadores franceses a seus irmãos vietnamianos se tem afirmado com força. Os militantes das organizações sindicais confederadas CGT têm dado prova de iniciativa e impulsionado um possante movimento unitário nesse sentido. As delegações à Embaixada e aos Consulados americanos em França, as moções de protesto, a participação activa dos trabalhadores nas mais diversas manifestações, as paragens de trabalho de protesto — como o fizeram os trabalhadores do porto de Dunkerque e os metalurgistas da firma Dassault — são testemunho. É preciso não somente continuar nesta via, mas fazer ainda mais, fazer tudo quanto possível, pois que o perigo de guerra generalizada, agravando-se dia a dia, nos impõe essa obrigação.

Em geral, a nossa imprensa sindical tem dado, e continua a dar, uma grande importância a este problema. Ela trata sistematicamente disto nas suas colunas e apela constantemente os seus aderentes, e, duma maneira geral, a classe operária, para que multipliquem a sua solidariedade activa aos trabalhadores e ao povo vietnamiano, em geral. Os esforços neste sentido feitos pelas Federações, União Departamentais, Locais e Sindicatos de Empresa, juntos aos do

por

Germaine GUILLE

Secretária da C.G.T.

« Bureau Confederal », conseguirão atingir os bons resultados desejados.

Entretanto, a solidariedade não pode conceber-se somente em delegações, envios de moções de protesto, resoluções de solidariedade aos trabalhadores vietnamianos combatentes da liberdade.

ELA DEVE REVESTIR, ALEM DO ASPECTO MORAL, UM ASPECTO MATERIAL.

Os bombardeamentos devastadores americanos causaram, e continuam a causar, indescritíveis sofrimentos à população vietnamiana; represálias são exercidas contra os vietnamianos do sul que reclamam a paz; as populações civis e os combatentes da Frente Nacional de Libertação têm urgente necessidade de medicamentos, de víveres, etc.

ELES ESPERAM ESTA SOLIDARIEDADE MATERIAL.

Com esse fim, a decisão do nosso C.C.N. de Junho de 1964 de editar um selo de 1 franco foi bem recebida por toda a parte. As nossas Federações nacionais foram encarregadas de fazer o envio deste selo aos sindicatos. Elas o fizeram, já. Algumas, compreendendo a importância da nossa decisão tomaram a peito o assunto e regularizaram-no rapidamente na tesouraria confederal, a qual fez já aos nossos camaradas vietnamianos uma primeira remessa.

Trabalhadores! Neste período crucial para a paz mundial, pensai no sofrimento e na necessidade dos trabalhadores e do povo do Vietnam na confiança que eles têm em nós, na nossa responsabilidade neste domínio. É preciso que em todos os lugares de trabalho, em todas as reuniões, seja tratado este urgente assunto dos selos editados pela C.G.T. em favor do nossos irmãos mártires vietnamianos!

Estamos certos que todos os trabalhadores, sentindo este problema como se nosso fosse, tomarão rapidamente as medidas necessárias para a recolha de fundos de maneira a podermos dar a ajuda, a solidariedade ao povo vietnamiano, esta nova prova de fraternidade com este combatente e sacrificado povo, amante da liberdade. É este o dever da classe operária da França. É este o dever de todos nós.

Estágio no Instituto de Ciências Sociais do Trabalho

Organizado pela C.G.T. e integrado num programa de intensificação da participação dos trabalhadores emigrados na luta sindical, realizou-se de 14 a 20 de Março último, em Sceaux (Seine) um estágio que abrangeu trabalhadores de 6 nacionalidades.

Além dum ambiente de intensa valorização e duma fraternidade a todos os títulos frutuosa entre os estagiários, professores do Instituto e camaradas da C.G.T., este estágio marcou um enorme passo em frente na formação e enriquecimento de quadros sindicais de várias emigrações, cuja actividade é primordial para a defesa dos interesses dos trabalhadores emigrados.

Um programa vasto para uma curta semana (Problemas sindicais e económicos das migrações, Estatutos Civis e Públicos dos Estrangeiros, Direitos do Trabalho, Convenções internacionais, « Sécurité Sociale » e Assistência aos trabalhadores estrangeiros) foi, no entanto, de enorme utilidade para o aperfeiçoamento dos militantes sindicalistas da C.G.T.

Enriqueceram ainda mais esta óptima semana de trabalho e de camaradagem dois serões : — um, sobre documentos e fotos de militantes estrangeiros no movimento operário francês, e outro com canções sindicais e reivindicativas de diversos países.

Iniciativas deste género são de louvar e de prosseguir tão intensamente quanto possível.

ADERE À C.G.T.

Apelido Nome
 Profissão Idade
 Endereço
 Empresa e local de trabalho
 Data Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10°.

Le gérant : René BLAISE.

LA COOTYPOGRAPHIE

Prix : 0,50 F.